

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia alusiva à visita às obras da Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó Chapecó-SC, 05 de outubro de 2007

Excelentíssimo senhor Luiz Henrique da Silveira, governador do estado de Santa Catarina,

Companheiros ministros que me acompanham, Nelson Hubner, de Minas e Energia; Guido Mantega, da Fazenda; e Altemir Gregolin, da Aqüicultura e Pesca,

Senadora Ideli Salvati,

Senador Neuto de Conto,

Deputados federais Celso Maldaner e Valdir Colatto,

Senhor Moacir Dalla Rosa, prefeito municipal de Águas de Chapecó,

Meu caro Valdir Zasso, prefeito municipal de Alpestre,

Senhor Anacleto Rodrigues, prefeito de Pinhalzinho e presidente da Associação de Prefeitos do Oeste Catarinense, por meio de quem cumprimento os demais prefeitos presentes,

Meu caro Mário Márcio Rogar, presidente interino de Furnas,

Senhor Wilson Ferreira Júnior, presidente da CPFL,

Senhor Luiz Nascimento, conselheiro do Grupo Camargo Corrêa,

Senhor Ênio Schneider, diretor-superintendente da Foz do Chapecó Energia,

Senhor Delson Luiz Martini, presidente da Companhia Estadual de Energia,

Senhoras e senhores,

Trabalhadores,

Secretários,

Empresários do empreendimento,

Meus amigos e minhas amigas,

A questão energética tem sido motivo de várias reuniões das que tenho participado com outros chefes de Estado. Nos últimos 18 meses, já participei

de três reuniões para discutir a questão energética, ora na área de combustível, ora na área de energia elétrica.

E nós, brasileiros, e eu diria nós, latino-americanos e companheiros sul-americanos, temos uma situação muito privilegiada, se tivermos bom-senso, juízo e visão de futuro. O Brasil tem hoje, aproximadamente, 100 mil megawatts de energia funcionando. Se olharmos todas as bacias hidrográficas brasileiras que compõem essa imensidão de rios que nós temos, nós poderemos ter, a grosso modo – poderei estar errando aí, no número – aproximadamente 264 mil megawatts. Vamos supor que nós não tenhamos condições de construir os 264 mil megawatts. Mas, certamente, quem tem 264 mil megawatts pode ter possibilidade de construir pelo menos metade disso, o que já seria uma soma extraordinária de 130 mil megawatts. Ou seja, nós temos um potencial de construir mais do que nós construímos em todo o século passado.

Agora, construir não é uma coisa simples. Entre a vontade política, entre o fato de ter empresários dispostos a investir, de ter o governo disposto a financiar e ter uma decisão do governo de fazer, entre tudo isso acontecer e uma obra dessa magnitude sair, tem outros problemas que não estão relacionados ao poder de decisão de nenhum de nós aqui. Tem o problema ambiental que está subordinado a uma legislação, tem o problema do Ministério Público que, muitas vezes, aciona uma obra e ela leva alguns anos para que a Justiça julgue, e tem, muitas vezes, até entre os próprios empresários, divergências, se vão participar ou não do consórcio.

O dado concreto e objetivo é que quando a gente vem ver uma obra desta, e não precisava nem ter discurso aqui, só ver a obra, ver aquele guindaste jogar aquele primeiro container de cimento ali, a gente precisa despertar na sociedade brasileira que não existe milagre para produzir energia. Ou você faz de energia hídrica, que o Brasil tem um potencial extraordinário e no mundo não tem ninguém que possa ter as condições que tem o Brasil, ou você faz de energia nuclear, que muita gente não quer, embora seja uma energia limpa, ou você faz de termoelétrica à carvão, de termoelétrica à óleo diesel, ou você vai ter que fazer energia de biomassa, que ainda é uma coisa muito incipiente, muito desejada, mas com pequenas quantidades de megawatts produzidos que ainda não dá para suprir as necessidades do País.

Obviamente que nós temos a energia eólica, e alguns países estão mais adiantados do que nós. Mas é importante lembrar que uma usina de 400 megawatts de energia eólica, a gente produz, em média, apenas 30% disso e, portanto, não é uma coisa tão produtiva quanto uma usina como esta que vai ser construída aqui.

Um outro problema sério que nós enfrentamos no Brasil e aí, Luiz Henrique, é uma coisa grave, é que depois do governo Geisel, que foi o último governo que planejou este País, que teve obra de infra-estrutura de envergadura, certamente, hoje, nós não faríamos Itaipu do tamanho que ela foi feita, certamente não faríamos Tucuruí do tamanho que ela foi feita. Hoje nós teríamos muito mais problemas para fazê-las, pelo avanço da sociedade, pelo avanço da consciência ambiental, pelo avanço da legislação, nós teríamos muito mais dificuldades. Mas qual é o dado? Vocês estão lembrados de que nós tivemos “apagão” em 2001. E aquele “apagão” foi uma coisa até inexplicável, porque nós tínhamos excesso de água aqui no sul do País, portanto os reservatórios estavam cheios. Nós tínhamos falta de energia e os lagos vazios no Sudeste. E, por que, então, faltou energia? Porque não tinha linha de transmissão. Ou seja, não adianta você ter o lago, produzir energia se concomitantemente você não fizer os investimentos em linhas de transmissão para que você possa transportar energia para os centros consumidores deste País.

Uma outra coisa importante é que não tinha inventário. Quando eu falo que os últimos grandes projetos foram feitos na década de 70, é porque nós encontramos apenas 3 mil e 200 megawatts inventariados. E um país que não tem uma prateleira de projetos, na urgência de construir alguma coisa, a urgência acaba, porque você precisa começar praticamente do zero. Luiz Henrique, a coisa era tão grave que a Usina de Belo Monte, que eu ouço falar desde quando eu ainda não tinha barba branca, estava há 20 anos proibida de fazer estudo, não é de fazer a hidrelétrica, não. O governo estava proibido de fazer estudos. Somente agora, depois de muita briga, de muita conversa, é que nós conseguimos liberar a possibilidade de fazer estudos para construir Belo Monte, que era uma usina inicialmente prevista para 10 ou 11 mil megawatts, mas que pode diminuir para 6 mil megawatts.

O que é importante é que as pessoas adquiram consciência de que não

existem grandes alternativas. Para o Brasil, a mais interessante, a mais barata, é exatamente a energia hidrelétrica construída a partir dos nossos rios. Que nós temos que cuidar do meio ambiente, temos. Que nós temos que cuidar das pessoas que moram nos lugares que vão ser alagados, temos. Mas que nós temos que fazer as hidrelétricas, nós precisamos fazer.

Nós estamos trabalhando agora para deixar para o próximo governo pelo menos 32 mil megawatts inventariados. Ou seja, quando tiver dinheiro, vai lá, pega o projeto, chama a CPFL, chama a Camargo Corrêa, chama Furnas, vai lá e fala: “Está aqui o projeto, o BNDES tem dinheiro para financiar, vai lá e faz”. Duro é quando você precisa e você não tem projeto.

Então, é importante, e eu quero dizer para vocês da minha alegria de estar aqui neste local, aqui onde vai passar muita água, vendo o começo de uma obra gigantesca que vai produzir 855 megawatts, que vai gerar, no auge, quem sabe, uns 6 mil empregos, que vai ajudar financeiramente as prefeituras e os estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Mas, mais do que isso, durante um bom tempo vocês estarão trabalhando, recebendo salário e sustentando a família de vocês. E é por isso que nós precisamos ter um conjunto de hidrelétricas sendo construídas, para que vocês possam se tornar grandes especialistas na produção de energia, para que a gente possa construir também em outros países da América do Sul e, quem sabe, a gente poder, com linha de transmissão, integrar também o Continente e não precisar mais ficar correndo o mundo atrás de energia.

Todo mundo sabe que o Brasil está fazendo um forte investimento para ver se consegue encontrar gás suficiente para fazer termoelétrica. Todo mundo sabe que nós poderemos fazer de carvão. Agora, definitivamente, nada é melhor para o País do que isso aqui, nada é mais limpo, energia puramente limpa, energia barata e energia que pode ser explorada por muito tempo se a gente tiver o juízo de fazer as coisas que precisam ser feitas. Da nossa parte, eu quero dizer aos empresários, nós ainda temos aqui... de 2007 a 2010 está prevista a construção de 62 hidrelétricas no valor de 33 bilhões de reais, dos quais 5 bilhões de reais envolvem o estado de Santa Catarina. O governo me dizia que tem possibilidade, aqui, de construir 170 PCHs, ou seja, pequenas hidrelétricas de 6 megawatts, de 10 megawatts, de 15 megawatts, de 8 megawatts. Então, nós precisamos sentar, governo estadual, governo federal,

Ibama estadual, Ibama federal, empresário estadual, empresário federal, e desmontar o labirinto de dificuldades que nós temos para que a gente possa produzir energia neste País.

Eu quero que os empresários do setor saibam. O Guido, vocês podem ver a fisionomia do meu ministro da Fazenda, a cara de tranqüilidade dele, com disposição para facilitar todo e qualquer financiamento para a gente construir. Vocês podem ver a cara do prefeito, aqui, com o dinheiro dos royalties, que nem chegou ainda, já comprou um lenço novo para colocar no pescoço, vermelho. Imagine quando começarem a sair os royalties. Então, eu quero que vocês saibam o seguinte: eu estou convencido de que o século XXI é o século que vai transformar o Brasil numa grande potência econômica. E que eu tenho mais três anos e três meses de mandato, e nesses três anos e três meses de mandato eu quero contribuir para deixar o Brasil muito mais preparado do que o Brasil que eu encontrei e, certamente, o governador, o estado muito melhor do que ele encontrou. Por isso, conte comigo, que nós vamos fazer o que precisa ser feito neste País.

Um abraço e meus parabéns!